

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

RUSSO, Jane Araújo. Jane Araújo Russo (depoimento, 2017). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 34min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre BANCO SANTANDER. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Jane Araújo Russo
(depoimento, 2017)**

Rio de Janeiro

2018

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Arbel Griner; Celso Castro;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 07/08/2017 a 25/08/2017

Duração: 2h 34min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, desenvolvido com financiamento do Banco Santander, entre janeiro de 2016 e dezembro de 2020, com o objetivo de constituir um acervo audiovisual de entrevistas com cientistas sociais brasileiros e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

Temas: Antropologia; Atividade acadêmica; Atividade profissional; Ciências sociais; Crises econômicas; Família; França; Instituto Moreira Salles; Museu Nacional; Pontifícia Universidade Católica; Pós - graduação; Psicologia; Química; Rio de Janeiro (estado); Sexualidade; Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Universidade Federal do Rio de Janeiro;

Sumário

1ªEntrevista: 07 de agosto de 2017

Origens e relações familiares; ingresso em Psicologia na PUC (Pontifícia Universidade Católica); interesse pelas Ciências Sociais; cenário da difusão da psicologia; mestrado em Psicologia Social na PUC; doutorado em Antropologia no Museu Nacional; período de Atuação no Ipub (Instituto de Psiquiatria da UFRJ); divisão entre psicologia e a antropologia; Ingresso no IMS (Instituto Moreira Salles); interlocução entre a psicologia e as ciências sociais; abordagens das disciplinas ofertadas no Ipub e no IMS; mudança na área de pesquisa – CLAM (Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos); criação do CLAM; relação da gravidez com a vida acadêmica e profissional; pós-doutorado na França; contribuição das Ciências Sociais na área da saúde; relação psicologia e neuroquímica I; relação psicologia e neuroquímica II; situação da UERJ/IMS com a crise do Estado; cenário psicologia atual; estudo sobre sexualidade contemporâneo.

1ª Entrevista: 7 de agosto de 2017

Celso Castro –Jane, em primeiro lugar, obrigado por ter aceito o convite para o projeto...

Jane Russo – Obrigada a vocês pelo convite.

C.C. – A gente queria começar pelo início, pela sua infância, a família de origem, ainda antes da... a educação antes da universidade. Você nasceu em Campo Grande.

J.R. – Mato Grosso do Sul, hoje em dia.

C.C. – Mato Grosso do Sul. E seu pai era militar.

J.R. – Meu pai era militar. Pai e mãe de lá, de Mato Grosso do Sul; família de... É claro, como todo mundo, na época, em Mato Grosso – era ainda Mato Grosso –, era...

C.C. – Seu pai era do Exército?

J.R. – Exército. Engenharia. Como todo mundo, era imigrante, quer dizer, a família tanto dela quanto dele, da mãe e do pai, imigraram para lá em determinado momento, nos anos 1920 e 1930...

C.C. – De onde?

J.R. – Uh! Tudo muito complicado. A família do meu pai, da Itália, Russo. É imigrante italiano, que se estabeleceu lá, numa cidadezinha pequena. E a família da minha mãe vinha do Paraná e de Minas. Juntaram-se lá. Casaram-se os pais dela. Os dois nasceram lá, eu sou de lá, e como boa parte dos cariocas imigrados, eles vieram para cá logo depois do casamento. Não. Ainda passamos um tempo na Paraíba, porque, militar, foi para lá, foi para cá. Veio para cá estudar no IME, voltou, foi para a Paraíba e depois ele ficou aqui. Então eu cresci aqui.

C.C. – Aí você veio com quantos anos para o Rio?

J.R. – Com cinco anos. Eu cresci no Rio, eu e meus irmãos.

C.C. – São quantos irmãos?

J.R. – Somos quatro: dois irmãos, eu e uma irmã, mais nova.

C.C. – E sua mãe não trabalhava?

J.R. – Minha mãe era *a* dona de casa.

C.C. – Dona de casa. É, mulher de militar não...

J.R. – Mulher de militar. E era bem dona de casa. Fez segundo grau completo, mas... Segundo meu pai, “mulher minha não trabalha”, então...

Arbel Griner – Trabalha muito em casa.

J.R. – Aí trabalha em casa, mas não trabalha.

C.C. – O IBGE agora vai passar a registrar o trabalho doméstico.

J.R. – Eu vi isso no jornal. Eu não compreendi muito bem como, mas eu li.

C.C. – Também não. Mas achei legal. Mas aí, aqui no Rio, vocês vão morar aonde? Você estuda aonde?

J.R. – Aqui no Rio, a gente mudou umas 20 vezes de lugar, porque meus pais eram super ciganos. Eu morei em quase todos os bairros da Zona Sul e da Zona Norte, na Tijuca, também, mas eu cresci bastante no Leme. O Leme tem prédios de militares, praticamente todos vendidos para militares, então, eu passei boa parte da infância no Leme, estudando ali no Forte de São

João, na Escola Estácio de Sá. E fazíamos várias coisas no forte. Passávamos o domingo no Forte de São João. Então eu tive uma infância...

C.C. – Forte São João, na Urca?

J.R. – É. Mas o pessoal do Leme ia lá. E tinha um ônibus do Exército que pegava as crianças no Leme para estudar nessa escola. Então foi uma infância bem militar, desse ponto de vista.

A.G. – É uma escola que ainda está lá, não é?

J.R. – E é uma escola muito boa. É uma escola pública que é considerada muito boa até hoje.

C.C. – E teu pai ficou na carreira até quando, você lembra, em que época?

J.R. – Não. Eu sei que eu ainda estava no Leme. Eu estava no começo da adolescência. Ele ficou até chegar a tenente-coronel, mas não sei com que idade. Começo dos anos 1960, talvez. Aí, como ele tinha feito engenharia no IME, ele foi para uma firma de engenharia.

C.C. – Trabalhar como engenheiro.

J.R. – Continuou trabalhando.

C.C. – E aí você foi fazer, depois, graduação em psicologia na PUC.

J.R. – Na PUC.

C.C. – Em 1971.

J.R. – Aluna de psicologia da PUC.

A.G. – Mas, até então, você estudou nessa escola?

J.R. – Não. Essa escola era uma escola primária. Depois eu estudei aqui e acolá. Estudei no Infante Dom Henrique, em Copacabana, um colégio estadual; depois a gente passou um tempinho em Curitiba; depois voltamos e eu estudei... Aí não conseguimos vaga em escola pública e eu acabei estudando no Colégio Santa Úrsula, aqui do lado, e aí fui para a PUC. Aí meu pai estava... Meu pai estava acompanhando as coisas que o Gilberto Velho discutia sobre prestígio e ascensão social: meu pai estava com uma carreira de classe média dos anos 1970. Aí fomos morar em Ipanema, num apartamento bacana na quadra da praia, aí fomos todos estudar na PUC, coisa que minha mãe não queria de jeito nenhum: “Não vai estudar na PUC!”. Fomos para a PUC; minha irmã, para a Faculdade Santa Úrsula. Aí a família deu uma... sofreu uma transformação.

C.C. – Mas tua mãe não queria por que, porque tinha comunista?

J.R. – “É coisa de rico.”

C.C. – Ou porque ia se perder? Ou porque era coisa de rico?

J.R. – “É coisa de rico. Vai ficar metido. Lá, todo mundo quer carro.” Realmente, todo mundo teve carro. Mas era uma coisa engraçada, porque é isso, a família estava ascendendo socialmente: meu pai estava ganhando muito mais dinheiro, naquele momento, em 1969 para 1970, por aí. E ela não queria, ela queria que fosse para a Federal ou para o IME, e a gente acabou...

C.C. – Mas por que psicologia? De onde veio o teu interesse?

J.R. – Ah, veio de uma confusão danada, uma confusão interna completa e total. Eu comecei até a escrever meu memorial sobre isso, porque você... Eu não sabia o que eu queria fazer da vida, então... Você está lá nessa família toda direitinha e tal: dois irmãos, depois as duas irmãs... Os dois irmãos, por acaso, eles foram fazer engenharia. Oh! Havia uma expectativa em relação aos homens da família e nenhuma expectativa de fato em relação às meninas.

C.C. – Nem de um casamento bom?

J.R. – Talvez um casamento. Se pudesse fazer um casamento bom, joia; se pudesse estudar, também... Celso, não era nem uma coisa muito careta, de casamento, de véu e grinalda, não. Era assim: nenhuma. Eu não sentia que havia expectativa. E aí fiquei naquela... “E agora? E agora?” Fui fazer um teste vocacional... Na época, existia isso, você ia para uma psicóloga, que fazia o teste. E ela disse assim: “Ah, não, vai fazer psicologia. Você pode fazer o que você quiser. Vai fazer psicologia”. Eu falei: “Está bem”. E fui fazer psicologia na PUC. Então foi, na verdade... Muita gente deve ter ido fazer psicologia por conta... Foi um momento de grande explosão da questão psi no Brasil – eu entrei lá em 1971, na PUC –, e eu acho que muita gente foi fazer para descobrir, afinal de contas, o que queria da vida. Os mapeamentos Sérvulo Figueira. Eu estava vivendo o próprio... Aquilo que eu mais tarde estudaria era a minha vivência.

C.C. – Agora, também, em 1971, você tem mudanças de valores, contracultura, o movimento hippie, um monte de coisa acontecendo.

J.R. – Sim, sim. Tudo isso...

C.C. – Você com o quê, 17 anos, 18 anos?

J.R. – Isso. Dezesete para dezoito. É isso, exatamente. Eu estava ali. Aquele “Prestígio e ascensão social”, daquele livro *Individualismo e cultura*, do Gilberto, eu tenho que ler ali, para saber o que estava acontecendo comigo e com a minha família naquele momento. É exatamente isso, é um momento de transformação enorme de valores, a minha família participando dessa transformação meio sem querer, e eu... E eu me sentia muito mais... Isso que é interessante, ver a questão de gênero. Eu me sentia mais no meio desse turbilhão do que meus irmãos e até... Minha irmã resolveu uma coisa... Ela é muito prática. “Vou fazer arquitetura, que não é engenharia, mas é.”

A.G. – É outra engenharia.

J.R. – É outra engenharia, é engenharia de mulher. Mas, em suma, eu me senti muito no meio desse turbilhão que você está falando aí. Era plena... Em plena... Médici, ditadura, mas, ao mesmo tempo, muita contracultura, muita droga, muita maluquice. Tudo isso junto, não é? E aí é um momento, também, de uma difusão imensa da psicanálise e todo o mundo psi – todo o universo psi se expande – nas camadas médias que nosso amigo aqui estudava.

C.C. – Mas você já tinha, vamos dizer, contato com esse mundo psi antes? Você fazia terapia ou alguma coisa? Ou não, fez só o teste vocacional da PUC...

J.R. – O teste vocacional, li uns... Talvez lesse uns livrinhos, assim, de Erich Fromm... Bobagem assim. Nada...

C.C. – Que era o pai do Gilberto, aliás, que muitas vezes traduzia.

J.R. – Ah! Era ele?!

C.C. – Era ele.

J.R. – Não sabia.

A.G. – Para a Zahar.

J.R. – Para a Zahar. O pai era amigo do Jorge Zahar? Ou não?

C.C. – Era muito amigo.

J.R. – Ah, *tá*.

C.C. – Ele traduziu o Raymond Aron, traduziu o Erich Fromm, traduziu muita coisa para a Zahar.

J.R. – Que interessante! Porque depois o Gilberto ficou ligado ao Jorge...

C.C. – Sim.

J.R. –...à editora.

C.C. – Bom...

J.R. – Bom, voltamos.

C.C. – Orientador em comum, a gente acaba falando muito. Mas e o curso em si? O que era fazer psicologia na PUC? Você entrou em 1971.

J.R. – Entrei em 1971, aí parei dois anos, fui *dropout*, fui para a vida, voltei...

A.G. – O que você fez nesses dois anos?

J.R. – Nada. Fui ser professora de inglês da Cultura Inglesa. Aí voltei... “Não, psicologia, quero fazer psicologia.” Aliás, não, voltei e achei que eu ia fazer artes. Tinha acabado de ser criado o Instituto de Artes da PUC. Para você ver como eu era confusa. Eu falei: “Não, vou fazer artes e tal. E enquanto eu não faço...”. Porque tinha uma prova de habilidades para fazer. Eu falei: “Vou fazer algumas disciplinas de psicologia, só para não perder o tempo”. E aí, psicanálise, psicologia... Eu falei: “Ai, que barato! É isso que eu quero fazer na vida!”. E fiquei lá fazendo. Fiquei fazendo, achando que... Encantada com a psicanálise e tal. Até que eu conheci o Sérvulo Figueira, que era... Ele era monitor da disciplina literatura psicanalítica, que era dada pela Clara Helena Portella Nunes, mulher de Eustachio Portella. Eustachio? Quem era o político? Portella. É o Portella...

C.C. – Eduardo Portella?

J.R. – Não. O superpolítico, da época do...

C.C. – Petrônio?

J.R. – Petrônio Portella. O irmão era o Eustachio Portella, que era um psiquiatra conhecidíssimo, psicanalista. Em suma... Bom, o Sérvulo era monitor, a gente se conheceu, comecei a estudar psicanálise com ele, também. E o Sérvulo era uma pessoa extremamente crítica da difusão da psicanálise, lia ciências sociais – ele tinha vindo das ciências sociais –, e aí me introduziu a autores. E o Sérvulo, quando foi fazer mestrado, ficou muito amigo de Gilberto.

C.C. – Sim. Escreveram coisas juntos.

J.R. – Exatamente. Ele conheceu o Gilberto, ficou amigo do Gilberto, e daí eu conheci o Gilberto, também.

C.C. – Ah! Já nessa época, então?

J.R. – Já. Quando o Sérvulo fazia mestrado, eu estava me formando em psicologia. Quando eu me formei em psicologia, eu falei: “Eu não quero saber desse negócio. Não é esse o meu barato”. Ainda fiz mestrado lá, em psicologia social, mas eu já estava, digamos assim, fascinada com as ciências sociais, tentando ler tudo que me caía na mão. É claro que eu lia, digamos assim, nessa vertente que me apresentavam Sérvulo e Gilberto, mais o interacionismo simbólico, com tudo que Gilberto também publicava e, *last but not least*, Simmel e Dumont, também. E aí eu comecei a estudar por aí.

C.C. – Por que você mencionou que o Sérvulo era muito crítico da expansão da psicanálise e da difusão?

J.R. – Porque ele era, mesmo.

C.C. – Por quê? O que ele achava?

J.R. – Ele achava tudo ridículo. Tipo o *psychobabble*, na época. Você é jovem, é mais jovem que eu, você é uma menina, então, vocês não podem imaginar o que era a conversa, naquela

época. Você tinha um certo meio social em que todo mundo fazia psicanálise. Não é assim, “eu conheço alguém”, não. Era todo mundo. Muitos faziam análise em grupo, porque talvez não pudessem pagar, mas todo mundo. E era esse *psychobabble*. Então, você justificava as coisas que você fazia através de alguma interpretação psicanalítica; os termos psicanalíticos começavam a virar moeda corrente na imprensa, na televisão, nas revistas femininas etc. Então, nesse sentido é que irritava, porque era, vamos dizer...

C.C. – Vulgarizava.

J.R. – [Era uma] vulgarização, praticamente.

C.C. – Mas Gilberto escreve muito...

J.R. – E você achava que psicanálise explicava tudo.

C.C. – ...como que uma geração, ou duas, pelo menos, foi muito marcada, muito psicologizada, quer dizer, passou a utilizar esses conceitos ou jargão como...

J.R. – Totalmente.

C.C. – ...como linguagem cotidiana.

J.R. – Porque eu acho que ele... Para mim, aquele artigo dele, sempre eu acho que é primoroso, o “Prestígio e ascensão social”. Quer dizer, é uma coisa... Essa coisa dessa... Quando você caminha socialmente de um lugar social para outro, isso pode ser muito desorientador. Então, um apoio psi pode ser, naquele momento, um negócio fundamental. E é o que tinha, é o que havia, sobretudo psicanálise, aqui.

A.G. – Mas e hoje? É só curiosidade minha mesmo. Você acha que não existe mais essa difusão das ideias?

J.R. – A esse ponto, não. Eu acho... Não sei se o Celso me ajuda aqui, mas eu acho que também não existe mais aquela... Aquelas camadas médias que o Gilberto estudava também não existem mais. A coisa se transformou, modificou. Tudo se transformou. A própria composição populacional aqui na cidade se modificou, eu acho. Mas eu acho que não é como era, não.

C.C. – E também, acho que, talvez, mais uma psychologização pelo corpo, uma coisa que vai vir mais à frente, que vai mudar...

J.R. – Bom, aí você teve... Que é um pouco o que a gente tem discutido lá no IMS. Por exemplo, você tem essa transformação... Primeiro foram as terapias corporais e depois a leitura corporal, os neuroquímicos... da neuroquímica etc., etc. Embora eu ache que não... Quer dizer, a psicanálise sofre um declínio muito, muito grande, mas eu acho que a psicanálise permanece, ainda, como um sinal de distinção muito forte, de quase...

A.G. – Conheço muita gente que ainda faz psicanálise, e não são pessoas de outra geração, diferente da minha.

J.R. – No nosso meio cultural acadêmico, é capaz que sim, mas não é um fenômeno [social]. Na época, era um fenômeno social, assim, muito alargado.

C.C. – Quem não fosse analisado ficava fora do circuito.

J.R. – Era todo mundo. Por isso que eu acho que hoje em dia é mais aristocratizante. Porque nós... Nosso meio acadêmico é um meio praticamente aristocrático, no Brasil. Não é financeiramente, sobretudo se você é professor da Uerj, mas é aristocrático, é uma elite intelectual. E acho que essa [elite intelectual] permanece sustentando a psicanálise, sim.

C.C. – Agora, Jane, só voltando um pouco...

J.R. – Vamos voltar.

C.C. – Você se gradua e faz logo o mestrado em psicologia, que, lá na PUC...

J.R. – Foi em psicologia social.

C.C. – Hoje, é [psicologia] social, não é?

J.R. – É. Eu fiz com a Anamaria Ribeiro Coutinho, que era psicóloga, mas também conhecia bastante ciências sociais. Ela morreu já. E eu fiz uma dissertação que não tinha nada com psicologia, mas era... Era uma dissertação que partia da pergunta: quais os efeitos da psicanálise?

A.G. – *Os efeitos terapêuticos da psicanálise: uma discussão.*

J.R. – Uma discussão. Quando a gente coloca no final de um trabalho “uma discussão” é porque você não tem a menor ideia do que você vai fazer com esse trabalho. Então, você põe assim: uma discussão, uma reflexão. Era mais ou menos isso. Então, *Os efeitos terapêuticos da psicanálise*. Mais ou menos ridículo, porque você não sabe quais são os efeitos terapêuticos da psicanálise, mas era uma tese que se queria toda sociológica. Eu acho que não foi muito bem-sucedida, mas é o...

C.C. – E você começou a dar aula já nessa altura?

J.R. – Comecei a dar aula na Faculdade Santa Úrsula, na Universidade Santa Úrsula...

C.C. – Eles tinham o curso de psicologia?

J.R. – É. Eu dava aula na psicologia, e aí procurava dar aula de psicologia social, psicologia e antropologia... Conheci lá a Simoni Lahud Guedes. Ela dava aula de psicologia e antropologia. Depois que ela saiu, eu peguei essa disciplina. Eu comecei na USU – Universidade Santa Úrsula, aqui do lado.

A.G. – Mas você tinha feito o mestrado, até então?

J.R. – Eu estava fazendo o mestrado. Porque a universidade particular... Era horista, eles não tinham tanta exigência. Eu me lembro que eu defendi o mestrado, eu estava lá, ainda... Quer dizer, eu já estava dando aula. Eu me lembro de os colegas da Santa Úrsula irem assistir a minha defesa de dissertação, a qual o Jurandir Freire Costa já estava na banca. Porque eu fazia cursos com o Jurandir, também, na PUC. Ele dava algumas aulas lá.

A.G. – Depois você deu aula lá, também, na PUC? Não?

J.R. – Não. Só convidada. Fui convidada uma ou duas... Não. Nunca trabalhei na PUC.

C.C. – Jane, e aí, em 1986, é um pouco mais à frente, quatro anos depois...

J.R. – Eu defendo...

C.C. – Não, depois de defender o mestrado. Você foi fazer o doutorado, aí já em antropologia, com o Gilberto.

J.R. – Foi em 1986 que eu entrei lá?

A.G. – Foi ou não foi?

C.C. – Teu Lattes pelo menos diz isso.

J.R. – Não, o Lattes é a data de defesa.

A.G. – Não. A defesa é em 1991, não é?

J.R. – É tudo isso?!

A.G. – Não?

J.R. – Gente, eu achei que eu tivesse defendido muito antes.

C.C. – Eu te conheci... Eu fiz um curso, entrei no Museu...

J.R. – A gente fez curso junto.

C.C. – Em 1987, que eu fiz o primeiro curso.

J.R. – E eu ainda estava lá.

C.C. – Em 1987.

J.R. – Ah! Então é isso.

C.C. – Você estava fazendo o curso, ainda.

J.R. – Então eu estava fazendo o curso.

C.C. – Só que você no doutorado e eu no mestrado, antropologia urbana, eu acho que era, aquele curso inicial.

J.R. – Sim, sim. Conheci você. Conheci tanta gente lá. Foi ótimo!

C.C. – Em 1987, isso.

J.R. – Então, eu terminei o mestrado... O que está no Lattes? Eu nem me lembro. Em 1972?
Em 1974?

A.G. – Mil novecentos e oitenta e dois.

J.R. – Olha só! Claro! Em 1971, eu entrei na graduação.

C.C. – Em 1977, terminou...

J.R. – Me formei em 1977...

C.C. – Em 1978 a 1982, o mestrado.

J.R. – Em 1978 a 1982. Naquela época, a gente fazia o mestrado em muito mais tempo.

C.C. – E em 1986 a 1991, o doutorado.

J.R. – Então. Aí eu terminei meu mestrado e fiquei dando aula na Santa Úrsula, um pouco sem saber o que fazer da vida, achando que ia fazer doutorado fora – não sabia se fazia em São Paulo, se fazia... E eu tinha esse sonho de fazer no Museu.

A.G. – Você já tinha conhecido o Gilberto pessoalmente?

J.R. – Já, já. A gente trabalha...

C.C. – O Sérvulo, você ainda tinha contato com ele?

J.R. – Tinha contato. Acho que ele estava em Londres, fazendo doutorado. Porque ele fez doutorado em Londres. Mas ele fez em psicologia social. O Sérvulo e o Gilberto, eu já conhecia, eles já tinham publicado aquelas coletâneas, e eu publiquei em uma ou outra daquelas coletâneas, eu traduzi algumas coisas das coletâneas, eu já... E eu tinha esse sonho de entrar no Museu. Porque o Museu era um lugar mítico já, naquela época.

C.C. – O Olimpo.

J.R. – Era o Museu. “Onde você estuda?” As pessoas diziam: “No Museu”. Aí você: “Oh!”. Então, era assim... Mas eu falei: “Será que eu consigo?”. Eu não era cientista social, não era socióloga... Não tinha cursos de graduação em antropologia; só tinha, na verdade, ciências sociais. Eu falei: “Será? Será? Bom, vamos lá”. E aí fui conversar... Eu demorei um ano para entrar, porque eu fui conversar com o Gilberto, porque eu queria que ele fosse meu orientador,

e ele disse que naquele ano ele não tinha vaga. Devia ser em 1984. Ele disse que não tinha vaga e que eu fizesse com o Luiz Fernando [Dias Duarte]. Eu me lembro de ele falar isso. “Não, mas tem aqui esse aluno brilhante. Você pode entrar e fazer com o Luiz Fernando.” Eu não conhecia o Luiz Fernando, eu falei assim: “Não, Gilberto, eu quero fazer com você”. Ganhei vários pontos, é claro. E aí esperei um ano, fazendo o meu projeto, para entrar no ano seguinte. Então foi isso

A.G. – Você fez algum curso com ele antes?

J.R. – Fiz curso com ele antes, como ouvinte. Sim. Fiquei acompanhando e entrei em 1986.

A.G. – E aí, para entrar, você já tinha que apresentar um projeto, nessa época?

J.R. – Você tinha que apresentar um projeto.

A.G. – Você já tinha pensado com ele alguma coisa?

J.R. – Sim.

A.G. – Já foi a sua tese sobre terapias corporais?

J.R. – Já era sobre... O projeto era mais... Não vou me lembrar e não vou achar, porque não deve existir mais, mas eu me lembro que o projeto era mais genérico, era: terapias alternativas de um modo geral. Era a questão do universo alternativo, que eu queria fazer. E aí era um pouco geral, um pouco solto demais. Aí eu mesma fui... Porque na época, também... Não sei como é hoje em dia, mas na época você não ficava totalmente presa ao projeto, você podia... Você entrava, eles diziam que estava bem, tinha aquela banca e tal, tinha... Não tinha prova, quando eu fiz.

C.C. – Não. A banca era para cada candidato.

J.R. – Ah! A banca era para cada candidato.

C.C. – E o projeto, também.

J.R. – Não tinha prova.

C.C. – Não tinha prova. Tinha prova de línguas, só.

J.R. – Só tinha a prova de línguas, que todo mundo colava, não é?

C.C. – Eu não coleí, não. Eu passei com...

J.R. – Não, eu também não coleí, porque eu não precisava. Mas eu estou dizendo que quem quisesse...

C.C. – Era inglês e francês.

J.R. – Eles largavam as pessoas na sala e iam embora. Eu também não coleí, não. Eu sabia tanto inglês quanto francês. Mas o Museu era assim, era tudo em cima daquela banca e daquele projeto, e eu fiz esse projeto muito geral. Aí, depois que eu entrei, fui afunilando para terapeutas corporais. Na verdade, não foi nem as terapias; foi o universo dos terapeutas corporais. Eu fui...

C.C. – Agora, você mantinha, nessa época... Você disse que dava aula na Santa Úrsula.

J.R. – Eu estava dando aula na Santa Úrsula.

C.C. – Mas você mantinha participação, contato, vamos dizer, com o mundo acadêmico da psicologia, congressos de psicologia, esse tipo de coisa? Ou não, ou estava já, vamos dizer, voltada para o mundo antropológico?

J.R. – Eu estava bem voltada para o mundo antropológico. Para mim, tanto o Museu quanto a antropologia eram, digamos assim, eram o farol, eram o exemplo: era aquilo que eu queria fazer e era assim que as coisas deviam ser feitas etc. Mas eu era muito envolvida com a política

acadêmica, na Santa Úrsula: fui chefe de departamento, fui coordenadora de curso, eu me envolvi muito em reformar o curso de psicologia, e reformamos o currículo, para fazer um currículo mais interessante etc. Eu tinha um envolvimento com a psicologia que era acadêmico desse ponto de vista.

C.C. – Entendi. Institucional.

J.R. – É. A gente fez uma revista, que publicamos dois ou três números, lá. Eu tinha um envolvimento institucional muito forte. O meu modelo a seguir na vida era o Museu e a antropologia, sobretudo o Museu, o grande modelo acadêmico.

C.C. – Mas e a tua experiência no Museu? Era o que você imaginava?

J.R. – Era o que eu imaginava? Sim. Eu nem sei se eu imaginava tanto assim, esse que é o problema. Eu vou dizer uma coisa para vocês, uma coisa curiosa, porque eu vinha do mestrado na psicologia... Eu vinha de toda aquela graduação, do mestrado na psicologia, eu dava aula na psicologia e, curiosamente... Não sei se... Vocês dois fizeram ciências sociais, de graduação, não é?

C.C. – Não. Ela [Arbel Griner] fez jornalismo. Eu fiz ciências sociais.

J.R. – Então, essa coisa da cultura de cada área. Na psicologia, você tinha uma relação muito mais afetiva, forte, entre os colegas, do que no Museu e na antropologia. Não sei o que o Celso acha, se é uma questão de doutorado ou de pós-graduação ou se é uma questão da área.

C.C. – Você diz entre os colegas ou com os professores?

J.R. – Entre os colegas. Com os professores era mais ou menos a mesma coisa. Não, entre os colegas.

C.C. – No mestrado tinha mais, porque você fazia mais cursos junto. Minha experiência é essa. No mestrado, você tem.

J.R. – Talvez o doutorado...

C.C. – O doutorado, a pessoa era mais autônoma, era menos curso e...

J.R. – É, pode ser. Pode ser que eu tenha sentido essa diferença por conta de ser o doutorado, e não...

C.C. – Agora, o Gilberto, em particular, ele socializava muito os orientandos e alunos. *N* vezes...

J.R. – Sim. Isso eu tenho quase que saudade, daquele... as aulas, que eram grupos de discussão com o Gilberto, com aquelas pessoas todas que faziam mestrado e doutorado junto – ele juntava todo mundo –, que era muito interessante. Aí eu conheci muita gente que depois...

C.C. – Ele valorizava muito essa sociabilidade acadêmica dos orientandos, dos alunos e...

J.R. – É verdade. É verdade.

A.G. – Quem, Jane, que você conheceu nessa época, você lembra?

J.R. – O Celso. [riso] A Malu, a Madu, a Tania Salem...

C.C. – Hermano é dessa época.

J.R. – Hermano Vianna, a Lalá (Maria Laura)... Deve ter mais gente aí que eu não vou lembrar, mas é mais ou menos essa... Foi essa geração aí que eu peguei. Sobretudo Malu. Foi mais ou menos essa...

A.G. – Eu falei da PUC, mas eu acho que você deu aula no Ipub, não foi?

J.R. – Bom, aí eu estava fazendo meu doutorado, dava aula na Santa Úrsula, fiz concurso, um concurso curiosíssimo, para o Instituto de Psiquiatria... Porque eu conheci... Eu conheci as pessoas todas da... Conheci muita gente da psicologia, é claro, e dois professores do Ipub davam aula na Santa Úrsula, então, a gente sabia as coisas que estavam acontecendo no Ipub. E teve um concurso curiosíssimo, que era um concurso para não médico. Era um concurso definido pela negativa. Aí eu fiz o concurso para o Ipub, passei...

C.C. – Isso é antes de acabar o doutorado, ainda?

J.R. – Antes de acabar o doutorado. Porque eu terminei o doutorado, eu estava já no Ipub. Eu passei em primeiro; a Ana Cristina Figueiredo, que era uma grande amiga minha, passou em segundo. Só que ela ficou na área psi. Ela, hoje em dia, trabalha no Ipub, ainda, mas cuidando mesmo de paciente e tal. E eu entrei no Ipub. Eu continuava nessa carreira, um pouco assim... nas margens: nem era psi nem era antropóloga bem nem era das ciências sociais, eu ficava meio nas margens. E fui para o Ipub ser um pouco cientista social no meio dos psiquiatras. Conheci muita gente lá. Havia um trabalho muito interessante, fantástico sendo feito. E fiquei bastante tempo lá. Até que – para ir pela via da profissão – eu fiz um concurso para um outro lugar que, para mim, era mítico também, que era espetacular, onde Jurandir trabalhava, Benilton, Joel, que foi o IMS. Aí eu fui chamada, na verdade, graças ao Museu. Foi Tania Salem, que era professora do IMS, professora visitante... Não me lembro se era visitante ou se ela já tinha feito o concurso. Não me lembro mais. Eu sei que ela ia embora, ia morar fora do Brasil, e tinha então esse lugar para um antropólogo entrar. E ela insistiu muito que fosse eu. Aí eles me convidaram, eu entrei como professora visitante no IMS. Aí eu falei: “Uau!” O IMS é assim... É parecido com o Museu, para mim, então...

C.C. – Os dois Olimpos.

J.R. – O IMS é Olimpo. “Ok. Vamos lá.” E aí entrei como visitante. Depois eu fiz o concurso.

A.G. – Eu ia te perguntar justamente isso, mas mais adiante. Porque se você tinha a antropologia como o grande farol e o Museu como um grande ideal...

J.R. – Tinha.

A.G. – ...como foi essa entrada no IMS e, com isso que você acabou de falar agora, de se sentir, até o Ipub, muito nas margens, se o IMS não é uma instituição das margens, também.

J.R. – No IMS, também estou nas margens. É interessante porque eu, na verdade, o tempo todo eu estou saindo da psicologia, psiquiatria, embora tivesse a psiquiatria social, a reforma psiquiátrica, toda uma discussão... O Goffman tinha escrito *Asylums*; o Becker, [sobre a sociologia do] desvio. Então, tinha uma discussão importantíssima, que vinha das ciências sociais, na psiquiatria, sem dúvida nenhuma, mas... E de lá, Instituto de Medicina Social, saúde coletiva. Também é margem. É margem do ponto de vista das ciências sociais.

A.G. – Pertencendo ao Centro Biomédico, não é? Não tem...

J.R. – Pertencendo ao Centro Biomédico. Então, nós... Então, eu vou no lugar da Tania Salem, porque ela está saindo, ou seja, um lugar de antropóloga. Já tinha o Sérgio; Malu vai no mesmo período que eu – ela vem das ciências sociais e vai para o... Richard Parker, antropólogo, já estava lá. Quer dizer, você tinha lá um certo... localização para as ciências sociais, no IMS. E isso é uma especificidade da saúde coletiva do IMS, ter uma ciências sociais razoavelmente forte. Mas é razoavelmente forte, assim... Mas é marginal. Você sabe. É marginal na saúde coletiva e fica marginal nas ciências sociais. É uma coisa interessante, a gente sempre fica ali meio... no meio da história.

C.C. – É verdade. Mas o Gilberto tem uma trajetória de muita interlocução com esse mundo psi. O Luiz Fernando também vai ter, que você vai encontrar... Porque você não o conhecia, não é?

J.R. – Eu não falei aqui, na minha trajetória, acho... Pulei. Pulei porque eu estava falando mais da questão profissional. Mas do ponto de vista intelectual, depois do doutorado, eu comecei a trabalhar próximo do Luiz Fernando, porque ele é que estudava essa questão do universo psi, sem dúvida nenhuma. Toda a discussão pessoa/indivíduo, eu fui para... E aí comecei a trabalhar

com ele, mesmo, no projeto Psico-Rio e tal. Então o Luiz é uma figura completamente fundamental na minha formação.

A.G. – Mas você não teve essa dúvida de... “Vou para o IMS ou não? Abdico do...”.

J.R. – Gente, eu já estava no Ipub! O Ipub, é engraçado trabalhar lá, mas é complicado: você está no meio psiquiátrico. A gente brincava: “Isso aqui é um hospício”. Então, não, eu nem pisquei.

C.C. – Mas você dava aula no Ipub de quê?

J.R. – Ah! Que nem eu fazia na psicologia: eu dava aula de... Eu pegava, por exemplo... Psicologia social era, na verdade, sociologia. Eu dava aula sobre Goffman; sobre *A construção social da realidade*, de...

C.C. – Berger e Luckmann.

J.R. – ...de Berger e Luckmann; dava toda a... a teoria do desvio; ou às vezes ia para uma sociologia um pouco diferente, que era Boltanski, “Os usos sociais do corpo”. Eu pegava justamente as ciências sociais que refletiam sobre questões ou de subjetividade ou do corpo ou o indivíduo/pessoa. Então, eu pegava essa... Era essa a pegada, no Instituto de Psiquiatria. Agora, de novo, eu acabei tendo uma carreira institucional: fui coordenadora de pós-graduação. Porque é o tal negócio, quando você está... que nem na psicologia, quando você está num lugar em que as pessoas são profissionais, que fazem outra coisa fora, no consultório, você aproveita muito quem tem uma vocação ou uma escolha acadêmica, mais estritamente acadêmica. Aí você acaba coordenando cursos, fazendo uma porção de coisas, porque os outros têm mais coisa para fazer.

C.C. – Estão ganhando dinheiro.

J.R. – É. De fato, têm mais coisa para fazer. Então você acaba... Então, no Ipub era isso, eu dava esse tipo de aula, eu pegava... O que eu fazia? Justamente eu buscava os autores em que

você pudesse, digamos assim, refletir sobre... fazer uma reflexão sobre essas questões, digamos assim, que diziam respeito à medicina, psiquiatria e psicologia.

A.G. – E o IMS, nessa época, dava aula para a graduação... Você dava aula para a graduação em medicina?

J.R. – Não.

A.G. – O que você foi fazer lá?

J.R. – Já dei. Já dei algumas vezes. Já dei aula para a graduação da medicina até na UFRJ. O Pedro Gabriel me chamava para dar aula lá. Era até legal. Não, o IMS nunca esteve ligado... O IMS dá algumas disciplinas na graduação da medicina. Sempre foi assim. Já teve uma residência em medicina social. Mas o IMS foi criado como um instituto de pós-graduação em saúde coletiva.

A.G. – E já tinha as três áreas, já era...?

J.R. – Não.

A.G. – Nessa época que você entrou no IMS...?

J.R. – Ah! Quando eu entrei já tinha as três áreas. Já tinha as três áreas. Eu entrei...

A.G. – Então, você dava aula para ciências humanas em saúde...

J.R. – Já tinham as três áreas, já eram diferenciadas. Eu entrei em 1993, por aí.

A.G. – E o que se fazia de pesquisa nessa época? Porque eu entendo que tenha tido uma transformação mesmo, se for olhar os 40 anos do IMS, os 40 e poucos anos, o tipo de tema. Não só o tema...

J.R. – Já tinha tido, ou estava acontecendo – mas eu, naquela época, não estava ligada a isso – uma pesquisa importante sobre Aids. Como é que era? Sangue, sexo e... Tinha uma brincadeira que... Tinha uma pesquisa grande sobre Aids que Richard Parker, Sérgio e Jurandir também trabalhavam, homossexualidade, Aids etc. Eu não estava trabalhando com isso. Eu trabalhava mais no que a gente chamava de construção da subjetividade. Então, eu pegava mais o campo psi, a construção da subjetividade. Por aí que eu entrei, onde também estavam Jurandir e Benilton, na época.

A.G. – Benilton.

J.R. – Eles permanecem, e eu acabei...

A.G. – E é o que vem a ser o Pepas, agora?

J.R. – Exatamente. Eu acabei me virando para o lado do Clam, da sexualidade, de fato. Então, quando eu entrei, já tinham as três áreas. Já tinham as três áreas. Mas eu ainda me sentia limítrofe. Hoje em dia, cada vez menos, mas tinha essa coisa um pouco... O Gilberto, o Celso tem razão, ele fazia esse diálogo forte das ciências sociais com esse universo psi; depois o Luiz Fernando fez esse papel com muita... com uma presença muito forte. O Luiz Fernando, agora, estuda religião, abandonou o psi, e eu também abandonei. Acabei abandonando, também. Quer dizer, a terceira fase, digamos assim, da minha carreira, na verdade, é o Clam – Centro Latino-Americano [em Sexualidade e Direitos Humanos], é a questão da sexualidade, que começa a aparecer, sexualidade e gênero, e eu fui um pouco me afastando dessa discussão de doença mental, de saúde mental, que Benilton, Jurandir etc. continuam levando lá. Eu me afastei. Acabei me afastando.

A.G. – Nessa...

J.R. – O Luiz Fernando... Só para lembrar, o Luiz Fernando foi fundamental na minha carreira e fundamentais foram aqueles GTs da Anpocs que eu participava junto com ele – ou bem ele coordenava ou Ondina Leal ou Cyntia Sarti, e eu coordenei depois, por algum tempo –, que eram os GTs de Pessoa, Corpo e Doença, que não tinha sempre esse título, era Pessoa...

C.C. – Tinha Sofrimento...

J.R. – Sofrimento, Pessoa, Corpo; Saúde, Pessoa, Doença... Em suma, mudou bastante o título, mas a temática era essa. Isso eu acho que foi importante, porque foi cavando, dentro das ciências sociais, um lugar para esses temas, que não são temas clássicos, não são temas valorizados, talvez. E eu acho que a participação nesses GTs foi fundamental para criar também uma certa área de discussão dentro das ciências sociais, que hoje em dia está um pouco desfeita, mas, naquele momento, anos 1990 para 2000, foi...

A.G. – Hoje está difícil encontrar um GT na Anpocs para quem se interessa por isso.

J.R. – Hoje em dia está difícil, exatamente. Na ABA está tendo alguma coisa, mas na Anpocs está difícil. E a gente manteve durante... acho que mais de uma década.

C.C. – Mas por que está mais difícil?

A.G. – Não tem uma proposta muito... com grande...

J.R. – Não tem. Nós tínhamos essa proposta, que era muito clara. Aí o Luiz Fernando cansou, aí eu fiz com Cyntia, aí Cyntia e tal, e aí Maria Cláudia sugeriu: “Vamos juntar com Emoção”. “Ah! Tem tudo a ver.” Mas aí acabou... Acabou se diluindo, se diluiu a...

C.C. – Mas não é porque passou a ter – pelo menos eu vejo isso em algumas áreas – uma quantidade de congressos de áreas específicas muito maior?

J.R. – Talvez.

C.C. – Congresso brasileiro, e latino-americano, e do sudeste, e do nordeste, e internacional...

J.R. – A Abrasco, a Abrasquinho...

C.C. – Em algumas áreas aconteceu isso.

J.R. – Agora, é uma coisa curiosa. E também, eu andei olhando um programa da ABA – sem ser essa, mas a outra –, você tinha... É uma coisa curiosa isso. Talvez isso tenha a ver com o que você está falando, de uma outra forma. Você tinha uma quantidade de GTs em torno de saúde e corpo. Diferentes, mas meio especializados: um era SUS, outro era... Tinha uma porção. Agora, aquela... A Anpocs, na verdade, ela é mais focada, ela tem um número menor de GTs e tudo mais. Os da Anpocs... Pode ser que a razão seja essa, Celso, não sei, de um conjunto de encontros, de conferências e congressos, e a própria... O pequeno congresso da Abrasco pode ser que esteja também tomando essa... Aí, bom, aí foi isso. Aí, depois, eu tive essa outra...

C.C. – Com o Clam.

A.G. – É, o Clam. Mas antes...

C.C. – O Clam é em 2002, não é?

J.R. – Em 2002.

A.G. – Eu queria falar do Clam, também perguntar do Clam, mas, só para esclarecer mesmo, quando você entra no IMS, então, você vai... Primeiro você entra para dar aulas específicas, depois você faz um concurso...

J.R. – É. Primeiro, na época...

A.G. – Você dava aula para a pós, também.

J.R. – Você entrava assim... Você entrava na pós-graduação e dizia: “Ah!”. Aí você dava aulas...

C.C. – Entrou como visitante, primeiro.

J.R. – Visitante. Você dava aulas, você... Esperava-se que você fizesse uma pesquisa, esperava-se que você publicasse, como qualquer professor de pós-graduação. Aí, apareceu essa vaga, eu falei: “Oba! Vamos lá!”. Eu entrei... Eu fui contratada em 1995 – algum tempo depois, então, de professor visitante. Aí você entra na *mouvance* de uma pós-graduação, que se transformou muito desde então. Teve uma transformação muito forte nos anos 2000, o Celso deve saber disso melhor do que eu, em que teve...

C.C. – Não. No IMS?

A.G. – Não. A pós-graduação.

J.R. – Não sei o IMS, mas foi quando a Capes mudou a forma de avaliação.

C.C. – Ah! A Capes. Sim.

J.R. – A Capes muda a forma de avaliação e isso incide sobre várias... Incidiu em cima lá do Ipub, quando eu ainda era... estava saindo da coordenação. Porque as notas deixaram de ser A, B, C, D e passaram a ser 1, 2, 3, 4...

C.C. – Sim, a avaliação mudou e...

J.R. – A avaliação mudou.

C.C. – E o prazo do mestrado e doutorado e das bolsas foi...

J.R. – Encolheu.

C.C. – Encolheu.

J.R. – Das bolsas. E, digamos assim, a exigência da avaliação ficou muito mais forte. Exigia-se do professor uma quantidade de publicações muito maior. Uma produção acadêmica passou

a ser uma coisa fundamental. O Ipub caiu para nota 3, eu me lembro disso, foi um escândalo, um choque, ou nota 2, e o IMS, na sua primeira avaliação, caiu para nota 4. Caiu não, porque não tinha nota antes, mas foi avaliado em nota 4. Foi um escândalo. Então, desde então, a pós-graduação brasileira, eu acho que... A face da pós-graduação mudou muito, e mudou a nossa relação com a instituição e com o nosso trabalho, também. Nós temos, hoje em dia, pelo menos nós lá – eu sinto muito isso na saúde coletiva –, a gente tem uma pressão de produção acadêmica muito forte, muito mais do que era quando eu entrei, mas incomparavelmente. É isso. Quer dizer, então, também... E, com o Clam, as coisas mudaram muito: a gente fez pesquisas, digamos assim...

C.C. – E como que é a criação do Clam? Como que foi a iniciativa de...?

J.R. – [Foi] da Fundação Ford. Isso realmente... Essa história, o Sérgio contaria muito melhor do que eu.

A.G. – Mas conta a sua versão.

J.R. – A Ford iniciou... Essas fundações fazem. Era uma iniciativa, não me lembro mais do nome, Sexual... **[Inaudível]**. E, dentro dessa iniciativa global, eles criaram centros, como o Clam, não necessariamente com um nome parecido, centros na América do Sul, África, Ásia e... Europa, não. Onde...

A.G. – E Estados Unidos.

J.R. – E Estados Unidos. E na América do Sul era, na verdade, uma ONG peruana chamada Flora Tristán, uma ONG, e o IMS, no Rio de Janeiro. Nós éramos, na verdade, subsidiários. O centro do Clam era lá em Lima, o Flora Tristán. Até que, alguns anos depois, deu o maior problema com relação ao Flora Tristán, não sei te explicar exatamente o quê, e então o Rio de Janeiro, com o IMS, passou a ser a sede do Clam. Isso demorou uns dois ou três anos.

A.G. – Mas a opção pelas publicações em espanhol, então, era por conta desse centro em Lima ou por conta mesmo...?

J.R. – Não, não, não. Porque nós éramos Centro Latino-Americano. Nós tínhamos convênios com universidades no Chile, na Argentina, na Colômbia – onde tinha escritório da Ford – e no Peru. Então é, de fato, e sempre foi latino-americano, só que a sede passou a ser no Rio de Janeiro. E o Clam, desses centros todos que eu te falei – a Ásia tinha dois; a África; e mesmo o americano –, o Clam foi o mais bem-sucedido, do ponto de vista de todas as suas iniciativas.

A.G. – E como é que você migra para essa temática de gênero...?

J.R. – Me chamaram.

A.G. – “Me chamaram, eu fui.”

J.R. – Me chamaram. Malu e Sérgio chegaram e disseram: “Você tem que trabalhar com a gente”. Aí eu falei... Foi aí que eu comecei a estudar... Minha primeira pesquisa no Clam foi *Sexualidade nas classificações psiquiátricas*. Eu já tinha estudado um pouco a história da psicanálise no Brasil; a psicanálise, como é que ela chega no Brasil, no início do século XX; já tinha estudado alguns autores dos anos 1920 e 1930, da psicanálise, que cruzavam com os primeiros sexólogos. Isso é uma coisa interessante, porque tem a ver até com o que o Sérgio estudou, quando ele fez a tese dele sobre sífilis. Bom, mas aí eles me chamaram: “Queremos que você trabalhe aqui”.

C.C. – Escreveu o livrinho para a coleção lá que eu organizei, da Zahar, *O mundo psi no Brasil*.

J.R. – Escrevi. Aliás, adorei escrever aquele livro. Ele é um ótimo editor, viu? Me deu vários... A gente discutia e você me dava vários toques. Mas aí eu fui estudar...

C.C. – Foi bom, porque logo depois você mudou. Fez o balanço ali do movimento psi...

J.R. – Eu mudei. Mas, olha, é engraçado, Celso, porque ficam te chamando para... Mesmo depois que eu já estava no Clam tentando estudar a sexualidade e classificações psiquiátricas etc., sempre acabam lembrando de você como alguém que lida com a história do campo psi.

Depois disso já... Hoje em dia, não mais. Mas, em suma, então, eu comecei a estudar a sexualidade nas classificações psiquiátricas, fiz um longo estudo sobre os DSMs, os manuais estatísticos e diagnósticos em transtornos mentais, e trabalhava ainda muito com o Luiz Fernando sobre isso tudo, e fui me voltando para esse outro campo, que aí é uma outra literatura: uma base foucaultiana muito forte, no IMS, mas que já vinha lá do meu mestrado lá da PUC, e com uma outra literatura, muito diferente do que eu até então estudava. Porque a antropologia começa a sumir dos títulos – fica *women's studies*, *cultural studies*, *science studies*. Você quase que...

A.G. – *Queer*, depois, não é?

J.R. – É. Então é engraçado, como vai se diluindo um pouco a própria ideia de antropologia.

C.C. – Mas, vamos dizer, a tua autoidentidade era de antropóloga?

J.R. – Até hoje é.

C.C. – É de antropóloga. Continua sendo.

A.G. – Quando você completa um formulário, o que você coloca?

J.R. – Quando completa um formulário, o que você põe?

C.C. – Eu boto antropólogo.

J.R. – E eu ponho professora.

C.C. – Ah, sim, professor, quando é a ocupação. Ocupação, professor.

J.R. – É, banco, essas coisas. Ocupação, professor.

C.C. – Mas academicamente, antropólogo.

J.R. – Academicamente...

C.C. – Em alguns casos, historiador, mas é específico. Porque eu também tenho, não um título, mas, vamos dizer, uma prática também grande.

J.R. – Eu ponho professora, nos formulários mais... E aí, toda vez que a gente fala na família etc., você define, “antropóloga”, aí perguntam: “Ah! Estuda índio?”. É muito engraçado isso.

A.G. – O Celso tem uma história ótima, que o filho dele disse...

C.C. – Tenho. Meu filho, eu fui buscar na creche... E eu tinha... Eu não lembro se era uma entrevista. Alguma coisa tinha saído comigo [na imprensa] que a professora lá, a “tia” viu. E quando eu cheguei... “Ah, pai, eu falei com o Antônio hoje, ‘Antônio, seu pai é antropólogo, não é?’ e ele falou: ‘Não, tia, meu pai não!’ ‘É sim, eu vi, seu pai é antropólogo.’ ‘Não, tia, meu pai é uma pessoa normal.’” [risos]

J.R. – Antropólogo... Para ele, o que será que era antropólogo?

C.C. – Aí eu falei: “Não, filho, eu sou antropólogo”. “Você é antropólogo, pai?!” “Sou. Sua mãe também.” “Mamãe também?!” [risos]

J.R. – Aí ele pensou assim: “Eu vou ser um antropologuinho”.

A.G. – “Estou condenado.”

C.C. – Eu disse: “Bom, até as crianças pequenas sabem que antropólogo não é normal”.

A.G. – Está condenado.

J.R. – Não é uma coisa muito normal.

C.C. – Tem uma outra história, depois eu te conto em *off*, de outra pessoa, que é mais punk.

A.G. – Ah, registra aí.

C.C. – Não, não pode, não, em respeito a uma colega de profissão.

A.G. – Você foi mãe, nesse íterim...

J.R. – Fui.

A.G. – ...não foi?

J.R. – Fui.

C.C. – Vamos passar então para o lado picante da entrevista.

J.R. – Ah! O lado pessoal.

A.G. – Não é passar para um outro lado, acho que essas coisas estão...

C.C. – Estou brincando.

J.R. – É mais ou menos fundamental. Eu me lembro...

A.G. – Porque isso também deve...

J.R. – Por que eu sei...? Eu confundi tudo, quando é que eu entrei para o mestrado, quando é que eu defendi doutorado, tudo. Agora, quando eu entrei no IMS, é o ano que meu filho nasceu. Então, esse é um divisor de águas. Eu entrei em 1995, ele tinha dois ou três meses. Eu fiz o concurso grávida. E eu me lembro que eu cheguei para a Tania Salem e falei assim: “Tania, estou grávida”. “Esconde aí.” Tipo assim. E na época a gente nem sabia direito qual era a legislação, se você podia ser contratada, se você... É claro que podia, mas a gente não tinha a

menor ideia de nada. “Não fala para ninguém, esconde aí.” Eu falei: “Está bem”. Aí, fiz o concurso um pouquinho grávida, e ele nasceu... Aí demorava, naquela época, a ser contratada. Ele nasceu... Eu fui contratada... E era super complicado. Eu fui contratada, ele tinha dois ou três meses. E você, quando você é contratada, você não tem direito à licença maternidade. Você é contratada, você tem que começar a trabalhar. Seu filho tem dois meses, mas não interessa quando é que ele nasceu. Então, aquilo foi meio complicado.

A.G. – Você teve que dar aula?

J.R. – Mas aí falava com os colegas, era o mês de julho e agosto... Em suma, deu para... E eu ainda trabalhava no Ipub. Eu trabalhei alguns anos... Não tive coragem de largar a UFRJ, não sei por que, e fiquei nas duas: ficava no Ipub... No Ipub, eu tinha uma longa licença maternidade, porque já era previsto. Aí meu filho nasceu no ano em que eu entrei. Então, esse ano eu não... Eu sei sempre quando é que eu entrei no IMS. O resto todo eu esqueço.

A.G. – E isso de alguma forma influenciou... A vida, com certeza, mas o seu interesse por determinados temas...?

J.R. – Não. O João Victor... Não. Nada, nada, nada. Hoje em dia, eu estou estudando maternidade, por conta da... São essas maluquices da vida. Por conta dos hormônios, da ocitocina. Aí as alunas... É engraçado, as alunas tendo filho, elas... Veio esse óbvio interesse delas por discutir maternidade. Então, hoje, eu estou estudando maternidade, via essa história do hormônio, da ocitocina, mas quando o João Victor nasceu, a questão de ficar grávida ou de ter filho não teve, que eu me lembre, nenhuma interferência.

C.C. – Mas a maternidade dificultou ou não a sua vida acadêmica, as suas atividades?

J.R. – Ela... Não consigo me lembrar exatamente se dificultou.

A.G. – Impactou?

J.R. – Ela impacta todo mundo.

C.C. – Mas, geralmente... Quer dizer, tem um padrão. Você teve filho, você já tinha emprego, já era doutora e tal. Às vezes, você é mestranda ou jovem doutoranda e...

J.R. – Exatamente. Eu acho que no momento em que eu tive filho, que eu já tinha feito o doutorado, já tinha dois concursos públicos, ou seja, já tinha profissão... em duas universidades públicas, eu estava absolutamente... com a minha vida profissional completamente resolvida, desse ponto de vista, então a maternidade, num primeiro... Acho que uma menina ou uma pessoa que está fazendo... no meio do doutorado ou tentando fazer concurso para se firmar e tal deve ter um impacto muito forte. Mas, para mim... O impacto é assim: quando a criança nasce, no primeiro ano de vida, é um impacto, você... Sua produção acadêmica vai embora, várias coisas você deixa de lado para cuidar da criança, sem dúvida nenhuma. Mas eu acho que eu já estava num certo patamar da minha carreira que isso não tinha um impacto forte. Não tinha um impacto forte, de maneira nenhuma.

C.C. – Agora, antes... Em 2000, você passou uma temporada de pós-doutorado na França.

J.R. – Fui. Passei seis meses lá.

C.C. – Aí o filho ficou?

J.R. – Foi infernal. Você sabe disso, não é? Eu te contei. [riso]

C.C. – Não, não. Não lembro.

J.R. – Ele ficou, menino! Não te falei, não?

C.C. – Ele ficou aqui no Brasil.

J.R. – Ele tinha cinco anos.

A.G. – [Falou] só para mim.

J.R. – Falei para ela. Isso foi um inferno. Foi uma decisão louca da minha parte. Então. Eu fui fazer um postdoc lá com o Afrânio.

C.C. – Na École.

J.R. – Eu tinha feito umas duas disciplinas com o Afrânio, e a segunda foi um outro autor que foi fundamental, que eu conheci no Museu e que foi fundamental na minha discussão na minha tese, que foi Bourdieu. Foi ele que me apresentou. Ele fez um curso inteiro só lendo Bourdieu. Foi espetacular. E eu acabei fazendo esse postdoc lá com ele, na École. E eu ia levar João Victor – ia ser a coisa mais complexa na vida de um ser humano –, e o pai dele ficando, porque Victor trabalha em outra área completamente... Graças a Deus, não está na vida acadêmica. Ele tem um escritório de design, ele não poderia fechar e ir. E eu ia levar o garoto, não sabia bem como. Até que uns colegas do IMS vieram conversar comigo: “Escuta, você tem toda a sua casa montada aqui, com babá, com pai, com tudo. Larga o garoto aqui e vai você. E de vez em quando ele vai lá te ver”.

A.G. – Larga?!

J.R. – Aí eu falei: “É, faz sentido”. Só que eu... E ele foi. Ele foi lá umas três vezes, ficou comigo um tempo. Só que ele ficou completamente gago, e eu, meu coração despedaçado, fibra por fibra. Não faria isso de novo. Ele ficou gago, gago, durante seis meses. Depois passou. Mas esse foi um momento em que filho e carreira, digamos assim, se complicaram.

C.C. – Mas, lá em Paris, você aproveitou para fazer o quê, além de...?

A.G. – Além de sentir saudades.

J.R. – Além de sentir saudades, fiz algumas... Na verdade, você vai fazer postdoc na École, é tudo muito livre: você faz o que você bem entende. Então, eu fiz alguns seminários, que eu adorei, foram interessantíssimos, e fiz uma pesquisa... Eu ainda estava... A minha proposta, na época, ainda era os primórdios da psicanálise, então, eu fiz pesquisa de textos no Sainte-Anne,

na biblioteca do Sainte-Anne, fiz... Eu morava pertinho, pertinho da Escola Lacaniana, então, eu tinha acesso à biblioteca. E fazia os seminários na École e apresentava trabalho, discutia. Mas era muito, muito leve, muito bom.

A.G. – Você fez seminários com quem?

J.R. – Fiz seminários... [Fiz] os próprios seminários do Afrânio; fiz um seminário... Anne Lovell. Sabe quem é? Sabe quem é, não é? Ela tinha uma pesquisa interessantíssima, junto com o Castel, sobre psiquiatria, psicanálise e terapias alternativas, nos Estados Unidos. Ela dava um seminário interessante, com muitos convidados. E fiz alguns outros que eu não me lembro com quem. Fiz mais uns dois, que eu agora nem consigo me lembrar o nome dos dois. Mas esse da Anne Lovell foi espetacular. Fora as coisas que você faz em Paris: tem o fulano que chega e vai dar uma conferência não sei aonde e você vai assistir.

C.C. – Bom, cinco meses passam rápido, também.

A.G. – Seis meses.

C.C. – Seis meses passam rápido.

J.R. – E seis meses, você se adaptou, chegou, você já está indo embora. Você tem esse problema. Não é... Não, não. Quem quiser fazer, eu acho melhor ficar um ano, pelo menos.

A.G. – E aí você volta para o IMS, volta para o Brasil...

J.R. – Aí o Clam é em 2002. Aí eu mudo um pouco a minha vida.

A.G. – Antes mesmo, eu queria te perguntar, que é uma pergunta que eu me faço sempre e que talvez agora volte de outra forma: em qualquer época, desde que você entrou no IMS, existe um papel claro para ciências sociais, nesse meio da saúde? Como você percebe isso?

J.R. – Um papel claro não é, não. Tem um papel.

A.G. – No IMS tem muita gente que vem do campo da saúde.

J.R. – Muito. Muito.

A.G. – Então, tem pessoas que vêm com questões práticas da área da saúde.

J.R. – Mas aí você tem... As pessoas que vêm com questões muito práticas, elas vão fazer planejamento, e são, normalmente, profissionais de saúde: médicos, enfermeiros. E, normalmente, as questões muito práticas vão cair em outra área de concentração. Quem vem para a área de ciências humanas em saúde já vem também um pouco... já está um pouco habitando esse campo meio marginal, meio entre áreas, que é as ciências humanas em saúde. Quem vai, quem procura, é engraçado, já está um pouco nesse meio do caminho. Quem tem questões muito claras e muito... ou vai para a Ensp ou vai para planejamento, não vem... E o IMS, a ciências humanas pegava, antigamente, quando eu entrei, em 1995, pegava muito o pessoal psi. Muito. A maioria que era tinha feito graduação em psicologia, porque era Jurandir, Joel e Benilton. Com o tempo, nós, antropólogos, sobretudo a partir do Clam, a gente apareceu mais, a nossa proposta ficou mais clara e hoje em dia tem muita... tem bastante gente vindo de outras áreas que não psi e das ciências sociais.

A.G. – Eu lembro da Gulnar assumindo recentemente a direção do IMS e se referindo a ciências humanas em saúde como um inseticida, que tem o inseto e o inseticida. E eu fiquei com aquilo na cabeça.

J.R. – O inseto é a medicina? Será?

A.G. – O inseto e a inseticida. Acho que a gente era a inseticida.

J.R. – Eu não me lembro disso.

A.G. – É, ela falou.

J.R. – A gente é uma coisa estranha...

A.G. – Para além da crítica, o que é que cabe às ciências humanas dentro...?

J.R. – Mas por que não a crítica?

A.G. – Pode ser. Mas é isso? É fundamentalmente isso? Ou você vê mais alguma coisa, além disso?

J.R. – Tem também... Eu acho que há um papel propositivo, sobretudo quando você pega populações marginalizadas, temas que não são tratados pela saúde pública mais tradicional, que é a questão de raça, gênero, sexualidade etc. Aí as ciências humanas podem ter um papel mais propositivo do que apenas a tal da desconstrução da... da desnaturalização da doença, do corpo, que eu brinco... Cada aluno que chega lá, eu digo: “Gente, olha, aqui no IMS, nada existe, é tudo construído socialmente, pode parar”. Mas é uma brincadeira. Mas tem um lado que pode ser mais propositivo, eu acho.

C.C. – Agora, Jane, pensando aqui na... Durante a entrevista mesmo, você mencionou esse momento... você ali na PUC, jovem, aquela coisa do jargão psi mediando o cotidiano de uma determinada camada, vamos dizer, média, urbana, intelectualizada, aquelas coisas que o Gilberto estudou tão bem. Depois teve um momento em que a coisa do corpo ficou mais forte. Mas agora – estou lembrando do finalzinho do livro que você escreveu, também – a psiquiatria, a medicalização, a bioquímica aí entram, botando para correr...

J.R. – Nossa! Totalmente!

C.C. – Muito. Como é que você vivenciou esse terceiro momento?

J.R. – Eu cheguei a estudar... Nós... Aí é que está, no Psico-Rio... O Psico-Rio era assim: você tinha um conjunto de... Foi bem interessante: você tinha tanto o pessoal... alguns psiquiatras do Ipub, o Luiz Fernando, eu, o pessoal da psicologia, do IMS, que estávamos fazendo esse mapeamento do campo psi, das publicações etc., e a gente chegou a discutir muito essa virada

neuro, neurocientífica, neuroquímica. Eu escrevi um trabalho sobre isso, sobre a neurociência. Esqueci o título do trabalho agora.

C.C. – Também entra, em alguns lugares, o que era, vamos dizer, a sociobiologia dos anos 1970. Ela reaparece com novos...

J.R. – Sabe o que está...

C.C. – Psicologia evolutiva... Uns nomes...

J.R. – A psicologia... Hoje em dia, o que substituiu a... Ela sabe disso. O que substitui a sociobiologia é a psicologia evolutiva, evolucionária. Não é assim que se fala?

C.C. – Evolucionária.

J.R. – É a psicologia evolucionária, que é toda, também, baseada em Darwin e tal. E eu acho muito impressionante, porque... Não sei se você acha isso também. Você, hoje em dia, tem um certo jargão neuroquímico...

C.C. – Sim.

J.R. – ... que as pessoas também começam a falar naturalmente, como... Eu vejo às vezes uma mãe conversando com o filhinho: “Não, filho, o problema é o seguinte, é porque tem uma coisa no cérebro que está faltando aqui, então, põe ali”. Então você tem uma certa... Me parece que também tem uma certa vulgarização de uma visão neuroquímica do ser humano. O que me preocupa, às vezes, Celso, sabe o que é? Você pode entrar também numa crítica muito fácil disso, e isso precisa também de ser mais bem estudado, investigado: afinal de contas, o que isso significa? O que é esse sujeito cerebral que, na verdade, o Ortega é que estuda? O que é sujeito cerebral? O que significa isso para as pessoas? A tendência é a gente cair numa crítica muito fácil, dizer: “Não...”.

C.C. – Uma crítica mais fundamentalista, vamos dizer assim.

J.R. – “Não, aonde já se viu! Não é neuroquímica!” Eu falo: “Também é neuroquímica”. A neuroquímica... A química funciona. Alguma coisa... Mas a gente tem que tentar entender o que é essa virada.

C.C. – É, porque estou pensando aqui na psicanálise, vamos dizer, mais tradicional, ainda na França, hoje em dia, falando da psiquiatria americana. Parece que são dois mundos muito separados, não é?

J.R. – Sim.

C.C. – E um, mais em decadência ao longo do tempo, e outro, triunfante e com muito dinheiro, também, porque os remédios, as coisas... A gente não pode...

J.R. – Muito dinheiro.

C.C. – Dinheiro gera pesquisa, gera bolsa, gera...

J.R. – Muito dinheiro. Celso, dinheiro gera conhecimento, porque as pesquisas... Por exemplo, você vai no Ipub, a área de concentração – estou falando em pós-graduação – mais produtiva, que fazia pesquisa e mais publicava era a que testava medicamento, era quem tinha dinheiro. Não tem uma discussão. Se você quisesse pesquisar alguma outra coisa, você não ia conseguir financiamento, necessariamente. Não é a questão de ser coitadinho, não. A gente via. Isso era visível.

C.C. – E no meio acadêmico, também, vai impondo – não sei se é a palavra exata – uma série de padrões de publicação... Essas coisas que o Luiz Fernando, coitado, e mais outras pessoas brigando até hoje...

J.R. – Não sei se vocês... Você talvez entenda um pouco isso, mas vocês não podem imaginar o que é a área da saúde. Porque é esse paradigma, mas é um paradigma que vem da medicina e vem da indústria, que...

C.C. – Você falou assim: a parte de ciências sociais, mesmo no IMS, é um pouco... Qual foi a expressão que você usou há pouco?

J.R. – Marginal?

C.C. – Marginal. Mas a medicina social, dentro da medicina, também é marginal.

J.R. – Exatamente. Então, você tem a medicina... Então, se você pensar em Capes, medicina 1, medicina 2, que são *tchan*; aí você tem a saúde... Porque nós não estamos... Não somos avaliados, graças a Deus, como... Então você tem a área de saúde coletiva, que é aquele... “Ah, aquele bando de comunista que quer lutar pela saúde pública no Brasil.”

C.C. – Sim. Na área de saúde, já fica marginal.

J.R. – A gente já fica um pouco. Agora, na saúde coletiva, as ciências sociais, também eles ficam olhando, dizendo: “Mas o que vocês estão fazendo?”. É que nem, um pouco – se você pensar a Anpocs e essas coisas –, ciência política, sociologia e antropologia. Você tem um paradigma muito mais objetivante e matemático na ciência política e na sociologia do que na antropologia. Então, há uma dificuldade de compreensão do que o outro está fazendo. Na saúde coletiva, também. No nosso caso, a gente enfrenta a epidemiologia e o planejamento. Porque “o planejamento está salvando as pessoas lá da saúde pública, a epidemiologia está fazendo ciência séria, e vocês estão fazendo o quê?”. Um pouco, essa é... são as ciências sociais na saúde coletiva.

C.C. – Bom, falando do IMS, a gente tem que perguntar, lamentavelmente, a situação da Uerj nos últimos anos.

J.R. – Ah, sim, gente!

C.C. – A crise está... Três meses sem receber salário...

J.R. – Nós estamos... O último salário recebido foi abril. Não. Em abril, não; o salário de abril, que a gente recebeu lá para final de junho. Para não mentir, eu recebi 550 reais referentes a maio, já. É uma coisa...

C.C. – Está na mídia, casos...

J.R. – Terrível.

C.C. – ...pessoais terríveis.

J.R. – E, pela primeira vez, aconteceu uma coisa histórica: a pós-graduação... Todas as greves que eu já assisti... Eu estou lá há 22 mais dois, 24 anos. Desde a época... um pouco antes de meu filho nascer. As greves todas eram greves da graduação, que é... Eu acho também errado, mas era isso que acontecia. As pós nunca pararam. No IMS, não se falava em parar. Ou, às vezes, tinha alguma discussão. “Devemos?” “Não, não. Tem a nota da Capes. Tem a avaliação da Capes. A gente tem que seguir. Não podemos perder os prazos etc.” Esse era o argumento. Desta vez, no IMS, ninguém discutiu, estamos parados. É a primeira vez que isso acontece. Eu cheguei em casa assim... Eu era a favor. Ninguém, mas ninguém defendeu continuar a dar aula.

C.C. – Mas você acha... Quer dizer, vindo de fora, apesar de conhecer pessoas que estão lá e acompanhar a situação...

J.R. – Para que parar [**inaudível**]?

C.C. – ...não se consegue ver cenário.

J.R. – Não, não se consegue.

C.C. – Não tem nenhuma negociação em curso, não tem... Quer dizer, não se viu...

J.R. – Não. Porque nós estamos atrelados totalmente à chamada crise do governo do estado. A Uerj está completamente atrelada a isso. O estado está pagando saúde, educação e segurança;

nós somos ciência e tecnologia, a gente está fora. Então nós estamos completamente atrelados. Não tem uma... Não dá para ver uma saída para a Uerj. Semana passada, eu fui assistir uma conferência... Eu não vou lembrar do sobrenome dele. Um economista lá da Uerj, professor. Uma conferência... Adorei, porque ele diz: “Olha, tem que se pensar...”.

A.G. – Bruno...

J.R. – Bruno...

A.G. – Esqueci também.

J.R. – Você assistiu? Não, não é?

A.G. – Não. Mas eu vi a chamada.

J.R. – Eu tenho em algum lugar. Bem, ele fala isso, quer dizer, saída para a Uerj, não tem; tem saída para a crise no estado. Se não pensar nisso, não vai... Você vai o quê? Vai... De onde vai tirar dinheiro para...? O que ele diz é: “Olha, é porque não tem, mesmo. Agora, isso é que tem que ser negociado.” Ele acha que tem toda uma proposta de negociação a nível federal. Mas a Uerj, eu tenho impressão... Porque a gente está atrelado, quer dizer, enquanto o governo do estado estiver nessa... também em crise, acho que não vai ter uma saída para a Uerj.

C.C. – Mas você acha que agora é diferente de outros momentos de greve, de crise?

J.R. – Totalmente diferente, Celso, totalmente. Você viu os números do vestibular, não é? Nós tínhamos uma média de 80 mil candidatos. Esse ano foram 35 mil. É de partir o coração.

C.C. – Mas na pós-graduação isso se sente?

J.R. – A pós, olha só... A gente achava que não. Aí, ano passado, na nossa área de concentração, no mestrado, nós costumávamos ter uns 70 candidatos, para 10 vagas. Tivemos 24. Pós-graduação. Sendo que a primeira colocada, excelente, a primeira colocada optou fazer na Ensp,

com um tema totalmente IMS. A gente fica assim... muito... de cabelo em pé, porque... Então, o que eu estou querendo dizer é que não é nem se a gente para ou o que está acontecendo; eu tenho medo de a gente ficar completamente sem aluno. Ficar sem aluno, um pouco sem aluno, mesmo. A gente ia começar agora...

C.C. – Mas tem um ponto em que a coisa não é tão reversível, mesmo pagando, não é?

J.R. – Será? Pois é, eu tenho medo de estar acontecendo alguma coisa meio irreversível. Eu não quero acreditar nisso. Eu acho que não, eu acho que há reversibilidade, mas você fica com medo, porque... Ia começar o primeiro semestre de 2017 agora, porque a gente tinha feito uma greve ano passado. Então é muito preocupante, muito, muito, muito. Não sei... E é uma universidade, gente, é importante: tem 20 cursos de pós-graduação; tem pesquisas extremamente relevantes; o IMS é o primeiro curso de saúde coletiva do Brasil, é nota 7, vários outros também são, lá. É muito sério. É muito sério. É o melhor curso de direito do Brasil... Do Brasil! É o melhor curso de direito do estado. [corrigindo-se] Vários outros... Em suma... É lamentável.

A.G. – Está tendo trote lá hoje...

J.R. – Eu vi. Outro dia tinha lá um grupinho...

A.G. – ...da medicina, ciências sociais...

J.R. – É, trote. Aí eu olhei e falei assim: “Gente, quem vai contar para eles?”.

A.G. – É, mas eu fiquei pensando, tem...

J.R. – Eu acho que é uma tentativa de... Tipo...

A.G. – Mas é dos alunos? Porque se os professores estão parados...

J.R. – É dos alunos. É dos alunos. Deve ser uma tentativa de, sei lá, “as coisas continuam”. Não sei.

A.G. – Alguma vida hipertensa, não é?

C.C. – Bom, mas agora você está preparando teu concurso para progressão para titular.

J.R. – Olha o conjunto de paradoxos das nossas vidas: sem receber o salário direito, agora no primeiro semestre; o Prociência... Sabe o que é o Prociência, não é?

C.C. – Sim.

J.R. – O Prociência parou de ser pago em novembro do ano passado.

C.C. – A Faperj está sem dinheiro.

J.R. – Isso. E eu tendo que pedir renovação do Prociência: apresentar relatório, fazer um projeto, pegar todos os documentos comprobatórios. É muita maluquice, você estar fazendo isso tudo sem receber o Prociência. Fizemos. Agora eu vou pedir a renovação da minha bolsa do CNPq, o CNPq dizendo que não vai mais pagar.

C.C. – Também vou pedir. Não se sabe se vai ter.

J.R. – Isso. E eu vou pedir a progressão para titular e o estado está dizendo que não vai dar a progressão para ninguém. Então, sabe aquela sensação de você estar fazendo uma porção de coisas estranhas que... para nada?

C.C. – Anomia quase, não é?

J.R. – É. Que coisa maluca, gente! Muito maluca! Bom, mas falar da Uerj é isso. E o pessoal mais novo, então, está... E nós também. Nunca na minha vida... Nunca na minha vida, nunca...

Eu fiz concurso público, estou na Uerj, oba! Jamais imaginei que eu fosse chegar nesta idade com medo de não poder me aposentar. Nunca. Mas esse é o país em que vivemos.

C.C. – Bom, deixa eu fazer... mudar de assunto para uma pergunta mais...

J.R. – Pergunta. Senão eu vou começar a chorar já, já.

C.C. – É uma curiosidade. Eu pergunto para várias pessoas que eu entrevisto, a quase todas. Se você tivesse que destacar um livro que te marcou, que você leu, na tua trajetória toda. O que te vem à mente? Um livro, um autor...

J.R. – Engraçado. *Vigiar e punir*.

C.C. – *Vigiar e punir*?

J.R. – É um autor que eu praticamente não falei esse tempo todo, mas me lembro que foi assim...

C.C. – Quando você leu o Foucault? Quer dizer, *Vigiar e punir*.

J.R. – *Vigiar e punir*, eu li quando eu estava começando o mestrado. Quando é que eu comecei o mestrado?

A.G. – Em 1978.

J.R. – Em 1978, por aí. No final da graduação.

C.C. – Mais do que *História da loucura*?

J.R. – Mais, mais, mais. *Vigiar e punir* foi um divisor de águas, foi uma coisa assim... Mudou muito a minha maneira de pensar sobre o mundo.

C.C. – Ótima escolha.

J.R. – Quando você começou a fazer a pergunta, veio e eu falei: “Não, não, eu tenho que falar um de antropologia”. Mas eu falei: “Não, mas foi esse, mesmo”. [riso]

C.C. – Não, não precisa ser de antropologia, não. É uma leitura marcante.

J.R. – Eu imaginei: “Deixa eu falar alguma coisa...”. Mas eu falei: “Não, foi esse”. Foi esse. Impactou mesmo. E olha que... faz 200 anos, não é?

A.G. – Não ainda.

C.C. – Quase 40 anos.

J.R. – É.

C.C. – Quarenta anos.

J.R. – Eu li em francês. Eu ainda tenho ele, o original em francês.

A.G. – Eu tive aula sobre o *Vigiar e punir* com [inaudível].

J.R. – Foi?!

A.G. – Um trechinho. Foi. Não me lembro que capítulo.

J.R. – Qual o livro que te marcou, Celso?

C.C. – Bom, podia falar vários, mas autor, Simmel é um autor muito impactante. Mas um livro que eu li que eu fiquei impressionado...

J.R. – Um livro.

C.C. – *Os Nuer*, estudando para o mestrado no Museu. Aquilo tão encaixado, tão... A distância estrutural, aquela explicação da... Nossa! Aquilo me impactou. Mas teve um antes, brasileiro, que eu li antes de fazer mestrado, que eu fiquei muito impressionado: foi *Guerra de orixá*, da Yvonne.

J.R. – Ah, da Yvonne!

C.C. – Nossa! Aquela... A história. Porque é uma história, mesmo. Quando eu li aquilo, fiquei encantado.

J.R. – *Guerra de orixá*.

C.C. – Lia também coisas de Gilberto muito interessado, *Individualismo e cultura*, aquilo... Mas *Guerra de orixá*, eu... “Ah!” É um filme, não é? É uma história.

J.R. – É. É superbacana.

C.C. – O enredo, aquela coisa... É muito impactante.

J.R. – É muito interessante.

C.C. – Mas eu me lembro de *Os Nuer*, de eu ler e ficar assim... Uma coisa inesperada, de *Os Nuer*.

J.R. – Ah! Que interessante!

C.C. – E depois, Simmel. O Gilberto era muito simmeliano, na antropologia dele, da interação...

J.R. – Eu sempre amei Simmel profundamente. Até hoje.

C.C. – Bom, mas a entrevista é com você, não é comigo. Bom, eu, por mim, estou... Não sei se a Arbel...

A.G. – Ah! Eu faria várias perguntas sobre os temas de pesquisa da Jane, e principalmente esse agora. Mas é praticamente forçar ela a dar uma aula, que não é o propósito daqui, de agora. Eu fico pensando mesmo na sexualidade, na sua trajetória e nessa... Vocês falam muito, a gente fala muito aqui do campo psi ou da psicanálise ter tido um grande momento e agora estar um tanto ultrapassada. Eu tenho uma resistência a essa impressão, mesmo. Eu entendo. É uma saída de cena, ou seja, uma transformação, mas não uma perda de força.

J.R. – Mas ela não saiu de cena, não.

A.G. – Eu fico pensando mesmo na sexualidade como tema, e um tema com financiamento da Fundação Ford, em época de grande fomento às neurociências, por exemplo, e ao químico e ao biológico, e como a gente está estudando tudo isso, mas está estudando sexualidade e está estudando sofrimento dessas coisas esotéricas.

J.R. – Acho que tem duas coisas. Primeiro que, quando eu digo em declínio, evidentemente, é comparativo. Eu acho que você tem razão. Hoje em dia se conhece, muita gente faz psicanálise, continua tendo 15 sociedades de psicanálise no Rio de Janeiro, como eu discuti etc., mas, comparativamente, a vulgarização, a divulgação, o *psychobabble*, como a gente chamava, era muito, muito... Você tinha... Psicanalista tinha coluna no jornal. O Eduardo Mascarenhas tinha coluna no jornal. Revistas femininas tinham coluna de psicanalista. Hoje em dia você... Neste nível, não tem... Pelo menos... Pode ser que... Também, eu não estou estudando mais o tema, pode ser que eu me engane. Isso é uma coisa. Outra coisa: sexualidade. Você diz: “Mas como que você diz que psicanálise está em declínio, se sexualidade é Fundação Ford e tal? Então, é um tema”. Mas é outra sexualidade. Aí é que está.

C.C. – É sexualidade bioquímica, mais do que psicológica.

J.R. – Primeiro, você tem a sexualidade bioquímica. Vocês sabem, com a questão dos hormônios, está se resolvendo sexualidade de forma totalmente bioquímica, totalmente bioquímica. Você não passa mais... Não precisa mais de terapia, de coisa nenhuma, de falar...

A.G. – O resto é depressão. O que não se resolve...

J.R. – Toma-se testosterona, não sei o quê... Saiu uma matéria desse tamanho no *Globo*, ontem, sobre o chip, o implante de chip de hormônio...

C.C. – De testosterona, de hormônio.

J.R. – ...que é de testosterona. Então você está resolvendo bioquimicamente. A sexualidade, também, que a Ford queria discutir, ela não tinha nada a ver com psicanálise; era a sexualidade da diversidade, LGBT, que justamente... Na verdade, atacam a psicanálise, e vice-versa. Se você pegar toda a discussão sobre transgênero na psicanálise, é enlouquecedora. A psicanálise tem uma vertente... Não estou dizendo todo mundo, de jeito nenhum, mas há uma vertente dentro da psicanálise mais laciana que acha que são todos psicóticos. Então, hoje em dia, você tem todo esse falar sobre sexualidade, essa sexualidade está posta como questão relevante e tal, mas não tem nada a ver com aquela sexualidade que se discutiu, que é o fundamento do pensamento psicanalítico, nada, nada, nada. É claro que a psicanálise serviu para abrir essa discussão, é óbvio, mas não é... É outra.

A.G. – Ficam protoideias, não ficam?

J.R. – É outra, não é a sexualidade como hoje em dia está colocada sobre a mesa da discussão, que é outra, é diversidade...

A.G. – Direitos...

J.R. – É direitos, é diversidade, é a questão do gênero, de você dissolver a ideia de polaridade masculino e feminino. E isso, gente, dentro da psicanálise, pode ser absolutamente... Vai ser considerado um absurdo. Não em toda, mas dentro de uma psicanálise mais tradicional vai ser considerado absurdo. E é isso que se está discutindo hoje em dia. Está entendendo que...?

A.G. – Eu entendo.

J.R. – Não quer dizer que deixa de existir a psicanálise, não é isso que eu estou dizendo, mas que ela não está no centro das atenções.

A.G. – Porque eu acho que tem ideias tão fortes da psicanálise que estão... que a gente usa, que a gente recorre e que a gente nem questiona e que estão aí, não é?

J.R. – Estão. Elas ficaram ali no fundo, tipo assim: a relação com o neném, da mãe com a criança, dos pais éticos...

C.C. – Se for comparar com o que a Jane está falando dos anos 1970, que estava na moda fazer psicanálise... Hoje, não está na moda fazer psicanálise.

J.R. – Não está.

C.C. – Pode ser um sinal de uma aristocracia, como você falou, muito específica, mas...

J.R. – Eu acho que é um sinal de distinção.

C.C. – Você estar numa roda de amigos conversando, todo mundo falando das suas análises.

J.R. – Ninguém fala, não é? A gente falava da análise. É isso. Você tem razão. Você pode até fazer e tal...

C.C. – É de outra geração.

J.R. – É. Mas eu estou entendendo. Quando a gente fala em declínio, não é que deixe de existir nem que perca... Mas perde relevância, sim. Perde relevância.

A.G. – Acho que tem ainda uma interlocução, entende? Mesmo a psicanálise nesses termos, dessa época, ultrapassada, eu acho que ainda tem tantos pontos de... Nem que seja para criticar, ou para dizer “isso não vale mais”, mas você ainda mantém um diálogo com coisas que estão naquela teoria.

J.R. – Ou então pela via... Sabe onde que está a psicanálise? Até eu escrevi isso no livro *O mundo psi*. Onde que eu acho, curiosamente, que está a psicanálise é lá onde não interessa à psiquiatria biológica, neuroquímica, que é na assistência pública, [na assistência] psiquiátrica pública, que pega aqueles pacientes todos – a maioria, esquizofrênico, psicótico brabo, que não é o paciente de TOC, taque, tique que vai para o consultório, ou de transtorno de humor, que toma muito remédio e vai para o consultório. Não é. É outro tipo de paciente.

A.G. – O que não está no manual.

J.R. – Não, o que está no manual, mas é aquele antigo psicótico que está lá no serviço público de psiquiatria. Aí está a psicanálise. Sabia? Aí estão psicanalistas que estão trabalhando no serviço público, trabalham nos CAPs, trabalham... É cheio de... E pessoas relevantes, que estão fazendo um trabalho importante, estão refletindo sobre essa questão. Mas por quê? Porque aquela psiquiatria biológica financiada pela indústria não tem tanto interesse aí nesse paciente crônico, de hospício entre aspas. Não tem. É quase que um terreno meio que deixado livre, que a psicanálise entra para teorizar, para discutir, para refletir. Tem um bocado de psicanalista no serviço público.

A.G. – E a psicologia, você acha que ela...

J.R. – Também. Quando eu falo psicanálise...

A.G. – ...ela se transforma, com isso tudo?

J.R. – Ah! Não sei. Aí eu não tenho...

A.G. – Os cursos de psicologia vão continuar **[inaudível]**?

J.R. – Mas a maioria desses... Muito psicólogo continuou se tornando psicanalista. Os cursos de psicologia, eu não estou sabendo. Eu não tenho muita...

A.G. – Muito bem.

C.C. – Muito bem, Jane.

J.R. – Está bem?

C.C. – Acho que fizemos aqui...

A.G. – Perguntas daí, você tem alguma?

C.C. – Espero que ajude para o seu memorial de...

J.R. – Meu memorial, meu Deus! Acho que me confundiu um pouco mais do que...

A.G. – Acho que ela tem pergunta.

Clara de Aquino – Eu não sei... Eu comecei...

J.R. – Você tem uma questão.

C.C. – Clara.

J.R. – Clara, faz vestibular para a Uerj, tá?

A.G. – Não deixa de fazer.

C.C. – Clara de Aquino, nossa bolsista de Iniciação Científica Júnior.

J.R. – Não deixa de fazer por causa de tudo que eu falei, não.

C.A. – Não, inclusive, acho que acaba hoje, a inscrição para o segundo exame de qualificação. Não me inscrevi ainda, mas quem sabe, quando eu chegar em casa...?

J.R. – Mas ano que vem, quando você disse que quer entrar.

C.A. – É, pode ser. Eu comecei meio que a me inserir agora nesse... Estou fazendo um grupo de estudos de psicanálise na escola, participando, aliás, com a minha professora de filosofia. Está sendo uma experiência bem agradável.

J.R. – Que interessante!

C.A. – A gente estava lendo... tentando ler o Freud e tal. Mas o que me deixou um pouco curiosa foi... Você nunca pensou, então, em trabalhar em consultório, quando você começou psicologia?

J.R. – Eu pensei. Mas aí eu fiz... Porque quando você faz psicologia, você tem que fazer obrigatoriamente estágio, um estágio prático. Eu fiz um estágio no quarto ano da psicologia, na psiquiatria do Pedro Ernesto. Ai! Que barra pesada que é lidar com doido, gente! É horrível. E depois, no último ano, eu fui fazer o meu estágio no IPA, na época, o SPA, Serviço de Psicologia Aplicada lá da PUC, e tinha que atender pessoas. Aí eu descobri que eu não gostava daquilo. Não gostava. Eu tive uns três... Eu fazia plantão, e plantão, você tem que atender qualquer um que chega, e tive uns três ou quatro atendimentos que não deram certo. Eu falei: “Eu não gosto disso”. Aí rapidamente pensei: “Não, isso eu não quero fazer”.

C.A. – Então, você sempre quis ser acadêmica? Porque eu comecei recentemente a ter contato com pessoas da área de saúde, porque eu comecei a fazer trabalho voluntário numa Escola Popular de Saúde, ali no Morro Azul, aqui no Morro Azul, aliás, aqui no Flamengo.

J.R. – Aqui, não é?

C.A. – Isso. É uma iniciativa dos agentes de saúde que trabalham no Instituto Nise da Silveira, do que antes era o Hotel da Loucura e atualmente é o Espaço Travessia. O nome mudou, por causa...

J.R. – No Engenho de Dentro.

C.A. – Isso, no Engenho de Dentro.

J.R. – Aquilo é espetacular!

C.A. – Sim. Você vê a presença das ciências sociais ali dentro de forma muito evidente, muito clara. E aí sempre me vem aquilo... “Ah! Mas...” Essas pessoas, então, sempre tentaram colocar a sociologia ali dentro, até onde chega a... Como você trata os pacientes, também, não é? Isso a... Os clientes, no caso, como chamava a Nise da Silveira. E as pessoas ali, no caso, nunca pensaram em trabalhar em um consultório, pelo menos as que eu conheço...

J.R. – É verdade.

C.A. – Muitas delas, agentes concursados de saúde, sempre tentaram essa vertente mais social. Imagino que você também, até pelo que você falou, sempre...

J.R. – Eu tentei, lá na psiquiatria do Pedro Ernesto, mas você... É o seguinte... Por exemplo, você trabalha lá no Nise da Silveira... Tem até um aluno, o Luiz Fernando, que faz... Acho que é Luiz Fernando. Ele faz etnografia lá, ou fez. É espetacular! É uma coisa maravilhosa! Mas você lidar com esse tipo de questão, que é uma pessoa com um diagnóstico psiquiátrico, uma pessoa que tem um tipo de experiência e de vivência de loucura, a gente poderia dizer, ou algo parecido com isso, precisa de muita... eu acho que dedicação e precisa de uma certa vocação.

C.A. – E muito amor, também, pelo que você está fazendo.

J.R. – Muito. Porque não basta só a sociologia e a ciência política e você pensar politicamente a questão; você tem que estar envolvido. É uma experiência que você tem que estar ali, que envolve um desgaste mesmo emocional. E acho que precisa de vocação, de muita dedicação. Em suma, você tem que chegar uma hora e dizer: eu quero trabalhar com essas pessoas. Ou não. Sim, tem a coisa das ciências sociais, tem de você ter que ter leituras ou uma visão que não seja puramente médica ou psiquiátrica, mas precisa de algo além disso. E eu não tinha.

Não tenho. Reconheço que é bacana, que o trabalho é espetacular. Eu reconheço. Mas eu não tenho. Então é isso.

A.G. – E a gente deixou de te perguntar alguma coisa que você...?

J.R. – Alguma coisa que eu queira falar? Deixa eu ver meus papeizinhos. Não.

A.G. – Pode olhar seus papéis.

J.R. – Não, acho que... Não. Eu só quero dizer que eu fiquei muito espantada por eu ter falado *Vigiar e punir*. Eu mesma. É engraçado. [riso]

A.G. – Talvez amanhã você dissesse outra coisa, se fosse a entrevista amanhã?

J.R. – Não. Porque não tinha porque eu pensar em *Vigiar e punir* naquele momento, é engraçado. É porque deve ser verdade.

A.G. – É a força da obra.

J.R. – Deve ser verdade.

C.C. – Mais a livre associação do que...

J.R. – Ou então eu fiquei aqui...

C.C. – Bom, Jane, obrigadíssimo...

J.R. – Obrigada a vocês.

C.C. – ...mais uma vez.

J.R. – Fiquei mais confusa ainda, para fazer meu memorial.

C.C. – Releia *Vigiar e punir*, para entender a sua trajetória.

J.R. – Eu tentei reler dois anos atrás, não é o mesmo... É engraçado como essas coisas...

A.G. – É outro impacto, não é?

[FINAL DO DEPOIMENTO]